

A MEMÓRIA DOS ESQUECIDOS NA OBRA *PALHA DE ARROZ* (THE MEMORY OF THE FORGOTTEN IN THE WORK RICE STRAW)

Joana D´Arc Almeida da
Silva
[jodarc_sa@ufpi.edu](mailto:jodarc_sa@ufpi.edu.br)
[.br](mailto:jodarc_sa@ufpi.edu.br)
Teresina-Brasil

Resumen

Este artigo tem como objetivo apresentar a leitura do romance *Palha de Arroz* (2002), de Fontes Ibiapina, fazendo a tecitura entre Literatura e Memória. O romance nos mostra a capital piauiense na década de 1940, descrevendo a vida dos moradores dos bairros Barrinha e Palha de Arroz - bairros pobres, sem saneamento, energia elétrica e condições de moradia digna e, com total desemprego, impelindo muitos à criminalidade como tentativa até mesmo de sobrevivência. O bairro homônimo à obra é o cenário de constantes incêndios misteriosos. *Palha de Arroz* é um romance de caráter histórico- memorialista. As técnicas narrativas utilizadas pelo autor durante o enredo são apresentadas ao leitor, em grande parte, através de lembranças e flashbacks de personagens. A memória aparece com bastante frequência como elementos constitutivos do texto, principalmente através do protagonista Chico da Benta/Pau de Fumo. Assim, propomos analisar a obra ante o dever da memória que está presente em quase todo romance. Para tanto, a metodologia utilizada é qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo como fundamentação teórica básica Bosi (1994), Cândido (2004;2005), Catroga (2001), Halbwachs (2013), Le Goff (1990), Pollak (1992), Ricoeur (1994;2003), Walter Benjamin (2012).

Palavras-chave: Literatura e memória. *Palha de Arroz*. Fontes Ibiapina.

Abstract

This article aims to present the reading of the novel *Palha de Arroz* (2002), by Fontes Ibiapina, weaving between Literature and Memory. The novel shows us the capital of the state of Piauí in the 1940s, describing the life of the residents of the Barrinha and Palha de Arroz neighborhoods - poor neighborhoods, without sanitation, electricity and decent housing conditions, and with total unemployment, pushing many to crime as an attempt even to survive. The neighborhood with the same name is the scenario of constant mysterious fires. *Palha de Arroz* is a novel of a historical-memorialistic nature. The narrative techniques used by the author during the plot are presented to the reader largely through character memories and flashbacks. Memory appears quite frequently as constitutive elements of the text, mainly through the protagonist Chico da Benta/Pau de Fumo. Thus, we propose to analyze the work before the duty of memory that is present in almost every novel. To do so, the methodology used is qualitative, bibliographical, having as basic theoretical foundation Bosi (1994), Cândido (2004; 2005), Catroga (2001), Halbwachs (2013), Le Goff (1990), Pollak (1992), Ricoeur (1994; 2003), Walter Benjamin (2012).

Keywords: Literature and memory. Rice Straw. Ibiapina Sources.

Introducción

O presente artigo visa apresentar a leitura e análise do romance Palha de Arroz (2002), do escritor piauiense Fontes Ibiapina fazendo um diálogo entre Literatura e Memória. Palha de Arroz (2002) é uma obra de ficção calcada na realidade. A narrativa é situada na década de 40 do século passado, nos bairros

pobres na cidade de Teresina e mostra a vida miserável que levavam muitos moradores desses bairros, em especial, Palha de Arroz. A metodologia utilizada é

qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo como fundamentação teórica básica Bosi(1994), Cândido (2004;2005), Catroga (2001), Halbwachs (2013), Le Goff (1990), Pollak (1992), Ricoeur (1994;2003), Walter Benjamin (2012).

No bairro homônimo à obra aconteciam constantes e misteriosos incêndios, na época em que ainda não havia luz elétrica e os geradores de eletricidade eram desligados às 22h. Em contraste aos incêndios, a escuridão dava espaço ao movimento nos prostíbulos onde muitas mulheres viviam da prostituição e os homens eram empurrados à criminalidade como tentativa até mesmo de sobrevivência.

Chico da Benta/Pau-de-Fumo é o personagem principal que, com a morte dos pais passa a viver de forma miserável, não podendo concluir os estudos e sem sucesso ao tentar conseguir emprego, passa então, a viver na criminalidade. Embora bem classificado nos concursos que realizou, nunca foi chamado, o que o fez viver em um permanente conflito interno - o sonho de uma vida digna (Chico da Benta) e a luta pela sobrevivência (Pau-de-Fumo). O romance tem o caráter histórico-memorialista com técnicas narrativas apresentadas ao leitor,



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

em grande parte do enredo, através das lembranças do protagonista:

[...] nem tinha dinheiro em baú, visto que não herdara coisa alguma de ninguém. E se também não era empregado do governo, como roubar de outra maneira?! Como sustentar Genoveva e três filhos?! Aí que estava o porquê sem mais nem, porém de sua história. Sim...História. Não recordava o autor: “Cada homem começa e termina a história do mundo”. Tinha, portanto, o seu mundo, a sua história. Diabo! Para que um dia estudara!?...Só para saber essas coisas! Diabo!. Para que pensar nisso?!... (Ibiapina, 2002, p.14)

Como podemos ver a memória aparece com bastante frequência como elementos constitutivos do texto, como forma de resgatar o passado. Nesse sentido a memória *procura salvar o passado para servir o presente e o futuro* (LeGoff, 1994).

Ela tem o papel de visitar o passado evitando que este seja consumido pelo tempo, transportando acontecimentos e fatos julgados perdidos, ligando o passado e o presente e fazendo referência ao futuro.

Diacho!... Até de grego entendia alguma coisa sem ter ao menos o ginásio completo. E viver naquela miséria que vivia!

- (Que merda! Para que estudei!?) (IBIAPINA, 2002, p.56)[...]

-

Parecia uma coisa encantada. Parecia, parecia, parecia... não sabia nem dizer o quê. Parecia uma estátua, uma deusa. Talvez que dentre todas as fadas de histórias de Trancoso que rondaram seus pensamentos de menino, nem uma chegasse aomenos aos pés daquela beleza.

- (Diacho!... Também fui criança. Também fui inocente e mimado. Hoje o quê?...) (Ibiapina, 2002, p.57).

A narrativa da obra em estudo é marcada por aspectos memorialistas percebidos através da passagem de Chico da Benta/Pau-de-Fumo que, constantemente ‘se pega’ recordando situações vividas. Os dramas vivenciados por ele e muitos outros personagens na referida obra o faz ‘voltar a um tempo e reviver situações onde se divide entre o cidadão de bem, Chico da Benta (do passado) e o ladrão Pau-de-Fumo (do presente) e faz planos para o futuro. Comopodemos ver no fragmento abaixo:

O negro bêbado, com a chapa às mãos e aqueles pensamentos malucos na cabeça. E com uma vontade azeda de correr pelas ruas gritando desesperado:

[...] Pau de Fumo morreu! Chico da Benta nasceu de novo! Carregador 208! Dia de santo do negro Pau de Fumo! Dia de santo do negro Chico da Benta! Carregador 208! Pronto, patrão! Às

ordens! Um criado para servi-lhe! Carregador 208! Pronto, patrão!
(Ibiapina, 2002, p.116).

O trecho trata dos pensamentos de Chico que, ao encontrar uma carteira decide assumir a identidade do Carregador 208. Chico recorda o passado difícil de uma vida de criminalidade como forma de sobrevivência (em que assumiu a identidade de Pau de Fumo) ao mesmo tempo em que projeta os pensamentos para o futuro – pensando na vida nova que assumirá como carregador (Carregador 208!)

Fatos como: a evidência da pobreza, a falta de oportunidades, o desemprego, o levam a reconstrução de experiências passadas. Algumas ocasiões rememoradas por ele nos remetem a Paul Ricoeur (1994) ao afirmar que o homem rememora para recuperar o passado e prefigura o seu futuro ao figurar o presente. Portanto, o presente leva o indivíduo ao passado pela rememoração, assim como o leva ao futuro por meio da esperança.

Sobre essa relação memória e passado, Catroga (2001) em sua obra Memória, História e Historiografia aponta a memória como determinante na construção do passado, sendo ela, um fenômeno onde se intercalam lembrança e esquecimento.

a memória constitui uma construção seletiva do passado, na qual são organizadas e domesticadas descontinuidades e lacunas. Ao reconstruir o pretérito o ato de esquecer que esqueceu, articula a coerência e inteligibilidade da narrativa. (Ibiapina, 2002, p.297).

Como podemos ver e assim afirma o autor a memória constitui uma retenção quente e afetiva do passado em cada presente. É ela que produz representações sobre o acontecimento deformando-o.

O romance de Ibiapina mistura ficção e realidade, apresenta elementos fictícios e históricos, fazendo registro documental. Muitos fatos apresentados no desenrolar da narrativa descrevem o dia-a-dia dos moradores dos bairros



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

pobres da capital, o que nos faz, por vezes, perceber que o narrador também faz uso de rememorações, deste modo, levando assim, o leitor a reviver o passado através de acontecimentos descritos na obra.

Apresentando como aspecto memorialista, destacamos logo no início da obra, narrativas que se aproximam de caráter pessoal, passagens onde o autor se faz presente na obra assumindo o papel do personagem, como no fragmento descrito abaixo. Uma forma de reminiscências, o autor parece relacionar situações vivenciadas, o que nos faz confundir sua presença com a presença do próprio personagem:

Noite escura. A cidade também era uma escrava. Escrava do governo. A usina morta. Já ia para muito tempo com a capital sem luz elétrica. E caso sem jeito, pois o próprio Interventor alegava que a capital não tinha capital para comprar uma usina que custava usinas de dinheiro. E quando a lua do céu não bancava a camarada, era uma escuridão sem termo na cidade toda. (Ibiapina, 2002, p.15).

A passagem nos faz relacionar a narração à memórias autobiográficas, ou seja, rememorações de fatos vivenciados por ele, fazendo assim, uso da ficção para mostrar ao leitor a realidade de uma época, fazendo um recorte temporal e espacial, possibilitando ao leitor, através da literatura, narrador na passagem o reconhecimento de questões sociais, o que nos faz ver o romance como autobiográfico, uma vez que entende-se a inserção do narrada, sob um aspecto memorialístico. Sob esse aspecto Benjamim (2012) revela que o narrador imprime-se na narrativa, reproduzindo na obra sua própria vivência.

Mais uma passagem do romance em que o autor se mostra na narrativa, como podemos perceber através da carta que Chico da Benta escreveu para seu amigo Negro Parente:

Um estudante me disse que vai escrever um romance sobre os incêndios e o nosso Bairro, onde eu, você, Veva, Ceição e Antônio seremos personagens centrais. Pena você não saber o que seja um romance, nem tampouco personagens. Talvez que ele nem faça nada, que estudante só tem arranco no cu como foguete. Eu mesmo não dou crença a esse povo que só tem o primeiro voo como seriema. Do meu tempo mesmo



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

eu nem sei quantos colegas diziam que ia ser escritores. E até hoje o nosso Piauí não deu um escritor sequer. (É mesmo uma merda de purgado esta nossa terra!) [...] Se não bromar, vai terminar mesmo fazendo alguma coisa e nosso Piauí vai ter um escritor de verdade. [...] Chama-se Jônatas Nonato de Moraes Farias Itabaiana (Ibiapina, 2002, p.187).

O relato acima mais uma vez apresenta a obra como autobiográfica e memorialista, nele o autor se mostra ao leitor e narra sua trajetória como autor da própria obra. O nome do jovem escritor falado por Chico na carta, faz referências ao nome do escritor picoense, ficando claramente exposto em todas as iniciais de cada nome e sobrenome – João Nonon de Moura Fontes Ibiapina. Outros fatos apontam para a presença do escritor na própria obra. Como descrevemos: Fontes Ibiapina, sai de Picos, sua cidade natal e passa a viver na capital em meados dos anos de 1941. Outro episódio que relacionamos a projeção de elementos históricos inseridos na narrativa é o fato de autor e personagem terem estudado no Colégio Diocesano, o mesmo em que Chico da Benta, personagem, cursou o 4º ano ginásial.

Fontes Ibiapina também apresenta entidades, personagens e referências históricas, como o já citado Colégio Diocesano, situado em Teresina e que é apresentado na ficção por ser o local onde o protagonista Chico da Benta estudou antes da morte de seu pai, o prédio construído no bairro Ilhotas, fato documental, comprovado através de jornal da época, o jornal Piauí, o personagem histórico Abílio Manuel Guerra Junqueiro, citado por Pau-de-Fumo, o fundador de Teresina, Conselheiro Antônio José Saraiva, os próprios incêndios misteriosos no bairro que deu nome ao romance, são provas de que ele relacionou ficção e realidade, apresentando muitos desses fatos através de lembranças de seu personagem principal, Chico.

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, ou simplesmente Fontes Ibiapina como é conhecido no meio literário, nasceu em Picos, na fazenda Lagoa Grande, aos 14 de junho de 1921, onde viveu até os seus 20 (vinte) anos, mudando-se mais tarde para a cidade de Teresina. Estudou no colégio Ocupou a cadeira de nº 9 na Academia Piauiense de Letras, foi membro do



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Conselho Estadual de Cultura do Piauí e ainda atuou como juiz nas comarcas de Ribeiro Gonçalves, Alto Longá, São Pedro do Piauí, Miguel Alves, Piripiri e Parnaíba.

Escritor piauiense, da década de 40, Ibiapina faz uso do imaginário nos diversos momentos das narrativas de Palha de Arroz para falar de histórias reais. Para ele, a melhor forma de dizer a verdade é através da ficção. E, em várias passagens na obra, ele dá voz à personagens, descreve fatos que se referem à acontecimentos verídicos, como os misteriosos incêndios que aconteciam em plena época da Ditadura Militar.

Trechos como “a fumaça subia. O bairro Palha de Arroz todo se queimando duma só vez. [...] (p.28), relatam acontecimentos reais dentro da ficção.

Dessa forma o autor descreve os momentos dos incêndios em pleno “quente da guerra”. O mundo quase todo em plena luta. (p.30).

A ficção proporciona ao leitor o contato com a realidade por meio da leitura de uma obra, ao mesmo tempo em que contribue para a formação da personalidade do indivíduo, como afirma Cândido (2004), esta serve de reconhecimento do mundo e do ser. O discurso literário é uma forma de interpretar o mundo e o escritor picoense traz essa interpretação através de Palha de Arroz.

Nesse sentido, a professora Raimunda Celestina (2002), no posfácio da obra, corrobora:

Cabe, portanto, à literatura, o papel de dar voz àqueles que foram sacrificados, de denunciar o que acontecia atrás do poder, levando o leitor a inquietar-se diante dos fatos denunciados, por estar diante de um texto com valor documental histórico, pois a ficção, nesse caso “assume a consciência política da sociedade [...] (p.218,219).

Os personagens vividos em Palha de Arroz são criações do narrador, porém dotados por fatos concretos, reais, ou seja, ficção e realidade se misturam. O autor procura no fato histórico, representar a realidade de uma época, faz um recorte temporal, rememora o ano de 1940, em plena Ditadura Militar, era Vargas:

[...] os incêndios tiveram início ainda no quente da guerra. O mundo quase que em plena luta. Verdade que agora a excomungada guerra havia levado o seu fim. Mas há uns dias apenas. Além do mais, antes de se resolverem os problemas que a guerra plantou, era impossível se tratar do assunto de somenos importância. (IBIAPINA, 2002, p. 30).

Por meio do exposto é possível perceber além da memória individual, há destaque, também, para a memória coletiva, o que vai de encontro a ideia apresentada por Catroga (2001) ao afirmar que de lembranças alheias resultam as lembranças pessoais. É por meio da necessidade de associação dos sujeitos que resulta a memória coletiva, pois sem está uma nação, uma classe, um povo estará sem referenciais, sem identidade.

O papel da memória não se restringe às lembranças e transporte de conteúdos passados, ela está presente não só no tempo, mas em nosso idioma, em nossos corpos e na construção da nossa identidade, pois através dela podemos buscar respostas sobre nossa origem, bem como, lembrar de quem somos.

A identidade de um indivíduo é construída por meio da memória e da literatura, pois suas experiências podem ser reconstituídas de modo a reavaliá-las, levando o leitor a compreender melhor o mundo, a si e aos outros.

É através da memória que são adquiridos fatos e lembranças, é ainda a memória fator essencial para a construção da identidade individual e coletiva. Ideia defendida por Pollak (1992) que a identidade é formada por meio da



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

letras” ou “beletrística”, pensamento equivocado ou restrito, pois trata apenas de uma parcela da literatura. Assim,

[...] literatura é tudo o que aparece fixado por meio de letras – obras científicas, reportagens, notícias, textos de propaganda, livros didáticos, receitas de cozinha, etc. Dentro deste vasto campo das letras, as belas letras representam um setor restrito. (cândido, 2009, p.11).

Cândido demonstra assim, que ao conceituar literatura sob esse viés, é limitar a vastidão da Literatura, pois a beletrística representa uma pequena parcela dentro de um vasto campo das letras. Seu traço distintivo parece ser menos a beleza das letras do que seu caráter fictício ou imaginário (Cândido, 2009, p.12).

Como podemos perceber, a Literatura contempla diversos espaços, áreas, é atemporal, interdisciplinar e representativa. Nesse sentido, Cândido (2009) expõe:

Em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente ‘constitui’, a ficção. (p.31).

Sob uma perspectiva conceitual, apreciamos como importante apresentar algumas considerações sobre memória, literatura e o diálogo entre Literatura e memória. Sabemos que a identidade de um povo é construída por meio da memória e representada pelas obras literárias, porém este trabalho está centrado em pontos que tracem a relação entre Literatura e Memória, partindo do objeto de estudo Palha de Arroz, corroborando para as discussões apresentadas.

Memória

Na visão de Agostinho, séc. IV, Memória pode ser compreendida como o estômago da alma, como descreveu:

A memória é, por assim dizer, o estômago da alma. A alegria e a tristeza são como alimento que ora é doce, ora é amargo. Quando tais emoções são confiadas à memória, podem ser aí despertadas como um estômago, mas perdem o sabor [...]

assim como a comida, pela ruminação sai do estômago, elas saem da memória através da lembrança. (Confissões).

Corroborando com Agostinho, Le Goff (2013) em História e Memória já afirmara que conceituar memória é crucial. Nessa perspectiva, o autor descreve memória como ela se apresenta no campo da ciência:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 1999, p. 224).

Desse modo, a memória tem relação intrínseca com o passado e a história, pois em tempos em que não existia a escrita, fez-se uso de relatos orais para a construção de história, o que demonstra assim que a memória individual é ponto para a construção da memória coletiva e a memória individual existe a partir de uma coletividade, sempre construída em grupo.

Como forma de descrever o passado, Fontes Ibiapina, usa da rememoração, denunciando acontecimentos históricos e mais uma vez insere-se na narrativa:

[...] Mas ele, que escreve em jornais, só assina mesmo Farias Itabiana. Sim. Como ia dizendo, parece que vai mesmo dar no couro. A nossa cidade ainda se encontra no escuro, sem luz elétrica. E ele escreveu no muro da Estação, ali perto do Perebal, numa noite de farra (o cabra é mesmo irmão da opa), assim:

“Dorme cidade maldita,
Teu sono de escravidão”.

Sonha com o pobre que

grita:

Senhor meu Deus! Dai-me pão! (Ibiapina, 2002, p.188).

Mesclando ficção e realidade Ibiapina constrói a memória social com base na memória individual. Nesse cenário, é importante a contribuição de Halbwachs (2013) ao declarar que é através dos outros que temos nossas lembranças, embora tenhamos vivenciados acontecimentos individualmente, elas permanecem coletivas, pois, segundo ele, na realidade nunca estamos só.



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Ao relacionar os estudos à Memória, notamos que há uma certa complexidade sobre o seu conceito, passando a ser vista, de modo mais restrito sempre relacionada a ideia de representação do passado, lembranças e um armazenamento de fatos. Porém, é preciso ir além do senso comum para tal conceituação.

Para a mitologia grega memória era uma deusa, Mnemosine – uma das seis Titanides, a memória personificada, filha de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra). A divindade que mantinha vivos os fatos frente aos perigos da infinitude e do esquecimento que na cosmogonia grega aparece como o rio Lete, que ao cruzar a morada dos mortos que provocava letal esquecimento. Mnemosine é responsável pelo poder da memória e criadora da linguagem

Aristóteles também se dedicou à temática, para ele a memória produziria imagens através dos sentidos, percebendo, deste modo, as impressões da memória como materialidade registrada no corpo. O filósofo estabeleceu ainda a distinção entre a *mnemê* e *mamnesi*, sendo a primeira, a memória pensada em sua potência de conservação do passado, e a segunda o desejo de recuperar de forma voluntária este passado, o que Le Goff (1997) define como uma memória que permanece, que está incluída no tempo e que é para Aristóteles rebelde à inteligibilidade.

Entretanto, partindo para tempos mais recentes, buscamos considerar os estudos de Maurice Halbwachs (2013) sobre memória individual e coletiva. Para este autor as memórias estão interligadas, não existindo uma memória estritamente individual ou estritamente coletiva, pois as lembranças de um indivíduo partem sempre das relações de um grupo, ou seja, as lembranças individuais não se constituem sem as lembranças coletivas. Para Maurice é da vivência coletiva que as lembranças podem ser construídas e reconstruídas. Com essa declaração, desloca-se o foco para um novo campo de estudos, a memória social. É no ambiente social que se produzem palavras e ideias, instrumentos para a construção da memória individual.



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Composta pelas lembranças de um povo ou de um indivíduo, a memória, pode ser vista como uma representação seletiva do passado, como destacado no excerto abaixo:

Já agora o incêndio não encontrava mais casas para comer. Começou a engolir as próprias chamas. As labaredas baixando. A zoadada do povo baixando as labaredas. As paredes de luto. Forquilhas pretas esticadas no rumo dos céus. Cena como que pedindo justiça para aquele povo pobre que acabava de ficar aos olhos da rua. Só que ninguém compreendia as mímicas das forquilhas daquelas casas queimadas. (IBIAPINA, 2002, p.37).

A memória tem presença constante no romance de Ibiapina. Ao descrever os acontecimentos, o autor rememora o passado, reconstituindo-o, além de possibilitar ainda ao leitor o conhecimento de fatos históricos.

O diálogo - Literatura e Memória

A literatura é um campo vasto que permite a interdisciplinaridades com várias áreas e temas, assim sendo, através do diálogo entre Literatura e Memória procuramos apresentar aqui os aspectos memorialistas na obra em estudo. Apresentamos a obra em estudo de caráter memorialista pois faz relatos durante todo o desenrolar, através de lembranças e pensamentos do autor que, por vezes, confunde-se com o personagem. A reminiscência aparece em muitas passagens do romance e através do desenrolar ele vai cedendo espaços para as diversas memórias individual e coletiva fazendo um recorte espacial e temporal.

Assim como outras artes, a Literatura tem forte papel na construção da memória social. Da mesma forma, Silva (2002) afirma que a Literatura ao longo dos anos vem buscando frequentemente no fato histórico, uma forma de representar a realidade. reelaborando o passado, ressignificando o presente criando possibilidades para o futuro.

Diante do exposto, vê-se a literatura como potencialidade de emergir vozes, como eficácia para a leitura de mundo, de modo que a ficção pode dar



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

voz aos silenciados e aos esquecidos. É através da memória que a literatura constitui a ficção, buscando assim representar a realidade, da mesma forma a memória se beneficia das obras literárias para sua preservação. A presença da memória nas narrativas não é algo novo, está presente desde à Antiguidade, remota a Homero, Platão, Aristóteles. Antes mesmo da invenção da escrita, com os relatos orais, memória e literatura tecem diálogos através da constituição e reconstituição dos sujeitos nas suas práticas sociais.

Considerações Finais

De acordo com Le Goff (1997) uma das grandes preocupações dos indivíduos que dominam as sociedades é tornarem-se senhores da memória e do esquecimento, uma vez que os esquecimentos são reveladores da manipulação da memória coletiva. Palha de Arroz é uma perfeita representação da vida real na perspectiva memorialista. O autor faz uso de lembranças para apresentar fatos aos leitores, narrar acontecimentos e apresentar-se ao mundo. Autor e personagem confundem-se.

Partindo dessa relação dialógica entre Literatura e Memória, procuramos mostrar o romance Palha de Arroz (2002) sob o caráter histórico-memorialista. Por fim, infere-se que há entre Literatura e Memória uma dependência para a constituição. A Memória Individual, na visão de Halbwachs (2013), faz parte da memória coletiva, pois ela não está inteiramente isolada e fechada,

Um homem para evocar seu próprio passado tem frequentemente necessidade de fazer apelo as lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele e, que são fixados pela sociedade. O funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio (HALBWACHS, 2013, p.54).

Da mesma forma, a Memória Coletiva não existe de forma isolada sem a permanência do individual. Assim, este artigo é um convite para um olhar teórico a partir das contribuições apresentadas.

O romance Palha de Arroz (2002), relata acontecimentos históricos ocorridos na cidade de Teresina, PI, na década de 40, bem como descreve



Nelkuati
Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

acontecimentos da vida do próprio escritor Fontes Ibiapina, o que faz a obra histórico-memorialista. [...] Pode ser que venha mesmo o romance (p.188). É através do protagonista Chico da Benta/Pau de Fumo que o autor se apresenta como futuro escritor do romance e, por vezes, autor e personagem se confundem. Assim é construída a memória social, partindo das recordações e lembranças do picoense, fazendo com que a memória apareça com bastante frequência como elementos constitutivos do texto, em constante diálogo com a literatura.

Referências

- Benjamin, W. (2012). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Boai, E. (1987). Memória e sociedade. São Paulo: T.A. Queiroz – EDUSP.
- Bosi, E, (1994). Memória e sociedade: Lembranças de velhos. 2 a ed. São Paulo: T.A. Queiroz.
- Candido, A. (2010). Literatura e sociedade. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- Candido, A. (2009).. A personagem de ficção. 11. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Eagleton, T. (1997). Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes.
- Halbwachs, M. (2013). A memória coletiva. 2. ed. São Paulo: Centauro.
- Le Goff, J (1994). “Memória”. História e memória. Trad. de Bernardo Leitaão. 3 a ed. Campinas: Ed. da Unicamp.
- Le Goff, J (2013). História e memória. 7. ed. Campinas: UNICAMP.



Nelkuati

Centro de Evaluación Educativa
y de Competencias Profesionales
de Hidalgo CEECPH.S.C.

Ricouer, PI.(2007). A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP:
Editora Unicamp.

Silva, R. (2002). História e Ficção em Palha de Arroz. In: Fontes Ibiapina. (Org.).
Palha de Arroz. 3ª ed. Teresina: Corisco, v. 01, p. 215-224.